

Algumas palavras sobre Victor Vincent Valla

A Clínica da Família Victor Valla comemora hoje o aniversário de pouco mais de um ano de atividades de atenção à saúde. É uma boa oportunidade para nos lembrarmos desse patrono de uma clínica que atende a população da região de Manginhos. A lembrança de Victor Vincent Valla aqui expressa será a de uma pessoa dedicada ao ensino e à pesquisa de acordo com uma concepção ampliada de saúde e ao aprendizado desta concepção que profissionais, técnicos e gestores precisam desenvolver para cumprir seu papel de assegurar o direito à saúde da população.

Nascido em Los Angeles, cidade da costa oeste dos Estados Unidos, em 1937, Victor Valla chegou ao Brasil imediatamente após o golpe militar de 1964 na condição de missionário da Igreja Católica. Em breve deixou esse caminho de lado para dedicar-se ao ensino e em seguida ao trabalho de Educação Popular. Como ele mesmo disse em entrevista concedida à revista *Trabalho, Educação e Saúde*, da Escola Politécnica em Saúde Joaquim Venâncio, a Educação Popular é um termo que traz a idéia de que educando a maioria da população é possível superar a pobreza, pois esta se explica pelo fato de a população não estar educada. Contrariamente a esta perspectiva, Valla entendia a Educação Popular, elaborada e desenvolvida principalmente por Paulo Freire, como ponto de partida para o diálogo e a problematização do saber espontâneo das pessoas das classes populares, daquelas que vivem apenas do seu trabalho, assalariado ou autônomo, tendo em vista questionar o modo como a própria sociedade estava organizada. A adoção desta perspectiva educacional aconteceu a partir de 1977, quando transformou a educação popular – denominada “não-formal e extra-escolar” – em objeto de pesquisa no Instituto Estudos Avançados em Educação da Fundação Getúlio Vargas (IESAE-FGV) e reconheceu que se trata de pensar projetos educativos com as camadas populares e não para elas. Estabeleceu-se nesse momento o elo vital entre a academia e a rua, que iria caracterizar a trajetória desse professor e pesquisador de origem americana, mais tarde naturalizado brasileiro. Isso porque, naquele ano, ao lado de seu trabalho como pesquisador do IESAE, Valla atuava como professor de ensino supletivo numa favela em Santa Teresa e como colaborador da reconstrução da Federação de Associações de Favelas do Estado do Rio de Janeiro - FAFERJ.

A primeira sistematização desse estudo é experiência em Educação Popular foi apresentada no livro *Educação e Favela*, publicado em 1986. Nessa obra ele parafraseou o arquiteto inglês John Turner, quando, na visita a conjuntos habitacionais e a favelas cariocas, em 1968, disse que a favela não era problema, era solução de um

problema. Para Valla, a favela era a solução encontrada pelas classes populares para a sua situação de pobreza que esta, sim, era (e continua a ser) o problema. Ao ingressar na Escola Nacional de Saúde Pública por concurso público em 1984, ele se dedicou a entender o que os serviços públicos, principalmente de educação e de saúde, tinham a ver com esse problema, ou seja, como respondiam às demandas da população trabalhadora. Em 1986 estruturou o grupo de pesquisa “Educação, Saúde e Cidadania” que elaborou uma vasta produção acadêmica na perspectiva da Educação Popular.

Importa ressaltar, nesse momento em que comemoramos um ano de atividades da Clínica, algumas das contribuições oriundas deste grupo de pesquisa coordenado por Victor Valla. De um lado, a crítica ao biologicismo, um conhecimento que orienta a rotina dos serviços de saúde sem se referir ao contexto de vida e de trabalho, traz a necessidade identificar quem é a população usuária desses serviços. Isso inclui o aproveitamento dos registros de atendimento, de modo a descobrir, por exemplo, se uma prevalência maior de hipertensos numa comunidade tem a ver com o trabalho daquelas pessoas. Além de saber quem é a população exposta a certos agravos à saúde, interessa reconhecer, por outro lado, que o sofrimento em torno desses agravos e das doenças é uma experiência pensada, ou seja, as pessoas das classes populares têm uma explicação para o seu sofrimento. Esse conhecimento – adquirido na experiência de vida, com o trabalho, a dor e a injustiça, orientado na imensa maioria das vezes pela religião, esse coração de um mundo sem coração como disse um pensador do século XIX – devia ser considerado o ponto de partida e a base da Educação Popular. É fundamental compreender, portanto, o que as pessoas das classes populares estão dizendo ou fazendo, alertava sempre Valla. Isso significa que os profissionais de saúde devem relativizar seu ponto de vista prévio para admitir que essas pessoas são capazes de entenderem e agirem sobre sua própria realidade, inclusive no tocante ao processo de adoecimento e cura.

A partir de 2003, dedicou-se a desenvolver a experiência da Ouvidoria Coletiva, uma metodologia voltada para enfrentar os impasses gerados pelos determinantes sociais do processo saúde-doença. Victor Vincent Valla faleceu no dia 7 de setembro de 2009, a nos lembrar, no eco do Grito dos Excluídos, que independência nacional precisa rimar com justiça social.

Eduardo Stotz, em 28 de junho de 2010